

EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DA LEITURA: UMA CONEXÃO NECESSÁRIA PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Silvana Heloisa Ferreira Cruz¹

Rosenir de Souza Lira²

RESUMO: Este artigo aborda a prática da leitura no cotidiano escolar como uma estratégia metodológica na difusão dos conteúdos da educação ambiental. Discute a utilização da leitura na sala de aula em uma perspectiva construtiva que favorece a elaboração do pensamento criativo e crítico do aluno, bem como o desenvolvimento de sua autonomia intelectual. Neste sentido, o aluno ao apropriar-se do conhecimento, terá uma visão ampliada do mundo, podendo intervir no processo de transformação social. O uso da imaginação é essencial na ampliação e na dinâmica do pensamento, pois a imaginação é um instrumento de uso cotidiano, como um mecanismo de elaboração que nos torna mais humano e produtores de comunicação; que nos auxilia a modificar estruturas e criar outras mais em consonância com as novas perspectivas sociais.

Palavras-chave: Leitura. Educação ambiental. Cidadania.

¹ Mestre em Educação e Pedagoga do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas. silvanaheloisa@ufam.edu.br

² Professor Doutor em Educação da Faculdade de Educação – Departamento de Administração e Planejamento da Universidade Federal do Amazonas. rosenirlira@ufam.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A educação ambiental como prática transformadora tenta buscar soluções para os problemas ambientais produzidos por um modelo econômico exploratório e predatório. Foi pensando em despertar e criar no aluno uma consciência crítica acerca da sociedade, como encontrar soluções aos seus diversos problemas, que optamos em trabalhar a temática da leitura como possibilidade de difundir a educação ambiental, pois a prática da leitura crítica bem trabalhada poderá ser uma aliada no processo de construção e reconstrução ao modelo social. Neste sentido, a prática da leitura na sala de aula é uma alternativa metodológica para possibilitar a formação da cidadania.

Carvalho, (2008:163 ao se reportar sobre a EA em sua dimensão político-pedagógica afirma, *“a EA poderia ser definida, lato sensu, como uma educação crítica voltada para a cidadania”*. Uma cidadania expandida, que inclui como objeto de direitos a integridade dos bens naturais não-renováveis, o caráter público e a igualdade na gestão daqueles bens naturais dos quais depende a existência humana. Nesse sentido, uma EA crítica deveria fornecer os elementos para a formação de um sujeito capaz tanto de identificar a dimensão conflituosa das relações sociais que expressão em torno da questão ambiental quanto de posicionar-se diante desta.

Reigota (2010:63) trabalha com a idéia de que

A educação ambiental é uma educação política, fundamentada em uma filosofia política, da ciência e da educação antitotalitária, pacifista e mesmo utópica, no sentido de exigir e chegar aos princípios básicos de justiça social, buscando uma “nova aliança” (Prigogine e Stengers) com a natureza através de práticas pedagógicas dialógicas.

A educação ambiental abarca uma diversidade de procedimentos e métodos para que os professores utilizem práticas construtivas do conhecimento e assim busquem a compreensão da totalidade complexa dos processos e das relações do homem com o meio ambiente.

Leff (2001:145) defende a construção de uma racionalidade ambiental e isto implica a formação de um novo saber, o saber ambiental, se posiciona dizendo:

O saber ambiental problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e a administração setorial do desenvolvimento, para constituir um campo de conhecimento teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza.

2. PERSPECTIVAS CONSTRUTIVAS PARA A CIDADANIA AMBIENTAL NA PRÁTICA DA LEITURA EM SALA DE AULA

Pode-se dizer que para que aconteça a leitura em sala de aula faz-se necessário que o professor tenha um bom preparo e uma boa formação, pois ouvimos muitas frases como : O aluno não gosta de ler; A criança, o jovem e o adulto brasileiro não gostam de ler e muitas outras frases que remetem a falta de interesse pela leitura. Tais afirmações nos fazem indagar. Por que as pessoas não gostam de ler? E a escola, o professor o quem têm feito para que a prática da leitura aconteça de fato? Como formar o cidadão crítico, participativo e atuante? Como educar para a autonomia? São muitas as questões relacionadas a não leitura principalmente na escola, porém acreditamos que com boa formação, compromisso com seu fazer pedagógico e competência, o professor poderá fazer a diferença, é ele o idealizador e construtor da transformação social. Dessa forma, pode enriquecer e dinamizar sua aula aplicando a metodologia da leitura. Enfatizamos que como afirma Serra (2009) só há uma maneira de nos tornarmos leitores: lendo. E essa atitude é cultural, ela não nasce conosco, tem que ser desenvolvida e sempre alimentada.

É na escola, especificamente na sala de aula que a prática da leitura deve ser ensinada, incentivada e cultivada. Para que isto aconteça são essenciais que os condicionantes como a escola e professor assumam suas responsabilidades, pois por parte da escola é preciso ter políticas públicas (em nível macro) de incentivo à leitura, biblioteca equipada com acervo atualizado e informatizada e bibliotecário. Já por parte do professor: formação, conhecimento, vínculo, comprometimento com seu fazer

pedagógico, o professor precisa se planejar e estudar, no seu planejar refletir sobre a sua *práxis* pedagógica em movimento de ação-reflexão, verificar se o aluno está aprendendo e se não estiver, investigar as causas do seu não aprendizado a fim de fazer as intervenções necessárias no ensino-aprendizagem. “*O único sentido da avaliação é cuidar da aprendizagem*”. Demo (2004).

Ao refletir sobre o ato de estudar, esta atitude séria e curiosa de compreender as coisas, Freire (2011:73) afirma:

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade [...]

Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário!

Há de se considerar que a construção e o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, alicerçado pelo uso do diálogo entre professor e aluno, possivelmente só poderá ocorrer em um ambiente acolhedor, fraterno e humano. Portanto, é na abordagem construtiva onde o aluno é sujeito histórico, pois, o conhecimento nasce da relação estabelecida entre sujeito-objeto, e é nesse processo de interação, de construção e reconstrução que surge o conhecimento.

Depresbiteris e Tavares (2009: 43/44) ao se reportarem sobre a abordagem construtiva dizem :

Na concepção construtivista, aprendemos quando capazes de elaborar uma representação social sobre um objeto da realidade ou conteúdo que pretendemos aprender. Essa aproximação não é vazia, não parte do nada, mas se baseia em experiências, interesses e conhecimentos prévios que possam dar conta da novidade. Por outro lado, construir não significa inventar. Deve-se, por exemplo, estimular o educando a usar a ortografia de modo criativo e pouco convencional; contudo, essa criação deve aproximar culturalmente do estabelecido, de forma que haja compreensão e comunicação.

Dado o grau da complexidade e a abrangência que envolve o processo de leitura, é preciso que esteja bem compreendido o que seja a leitura e o ato de ler. Em uma

concepção ampla, Martins (1994) define a leitura como: *Processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitiva sociológica).*

Tais componentes estão interligados e devem ser considerados no ato de ler. O ato de ler para Chiappini (2001):

É um processo abrangente e complexo: é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra.

A escola precisa criar um ambiente atrativo utilizando estratégias motivacionais para seduzir e incentivar o aluno para a leitura. O professor poderá trabalhar utilizando os diversos gêneros textuais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998) nos terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental. No referido documento estão agrupados os gêneros literários, de imprensa, publicitários e de divulgação científica, o acesso, o domínio e a compreensão do aluno aos diversos textos o possibilitará a uma ampliação de sua visão de mundo ensejando a sua participação efetiva na sociedade.

Há uma diversidade de atividades de cunho ambiental que podem ser desenvolvidas no cotidiano escolar ajudando o aluno-leitor a ter uma compreensão de mundo e assim poder intervir em seu ambiente nas soluções dos problemas ambientais. Assim temos as músicas ecológicas, as danças, os desenhos, as cantigas de rodas, as lendas amazônicas como: a Cobra Grande, o Curupira, o Guaraná, o Pirarucu, o Boto, a Vitória Régia, a Iara, As Toadas dos Bois-Bumbás de Parintins, estes últimos pertencentes ao folclore regional. Para Cruz e Lira (2010) *a música é uma ferramenta inesgotável na construção do conhecimento, pois atua positivamente na elaboração da dinâmica de significados no processo ensino-aprendizagem.*

Trabalhar conteúdos ambientais na sala de aula explorando o regional (local) favorece o ensino e a aprendizagem do aluno, pois a sua vivência e a sua experiência de

vida são levadas em conta no ato de aprender, o aluno age e interage nesse processo. As práticas ambientais devem partir da realidade (local) para o mais complexo (global). Sendo assim, desenvolver atividades de cunho ambiental com música especificamente regional possibilita uma compreensão sobre o mundo real dos habitantes. Como bem retrata o fragmento da toada Amazônia Terra Sagrada (Caprichoso/2008) " *Viver...a Amazônia é uma utopia cabocla. Outro gesto solitário faz da festa a poesia que de sonho nasce a arte sem saber o que é utopia*". Além disso, as toadas sacralizam a natureza fazendo crescer a idéia de paraíso natural como lugar de perfeita harmonia. (Idem).

A formação para cidadania ambiental pressupõe conhecimento, visão ampla do funcionamento e da organização da sociedade, saber as causas dos problemas ambientais e suas conseqüências para a vida planetária. A escola como local de difusão e produção de conhecimento é a responsável em difundir os saberes ambientais, isto já está institucionalizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs que preconizam o meio ambiente a ser trabalhado como tema transversal a fim de possibilitar a formação da cidadania como também a criação de uma consciência ambiental no aluno.

Morin (2001:35) afirma que:

A era planetária necessita situar tudo no contexto e no complexo planetário. O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo? Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento.

Na educação ambiental há temas recorrentes como: biodiversidade, aquecimento global, poluição sonora, poluição atmosférica, destinação do lixo, emissão de dióxido de carbono, reciclagem, fontes alternativas de energia, escassez de água, desenvolvimento sustentável, analfabetismo, pobreza, solidariedade entre outros, são temas perfeitamente possíveis e adequados a serem trabalhados na prática da leitura em sala de aula de forma interdisciplinar nas diversas áreas do conhecimento, há de se dizer que os

assuntos escolhidos devem ser relevantes e significativos aos alunos. Cabe ao professor como mediador na aprendizagem da leitura ensinar o aluno a ler, interpretar e contextualizar o texto lido. Ao se reportar sobre leitura Freire apud Silva 2003 diz: a leitura é recriação, reescrita, interação criativa entre o leitor, a palavra e o mundo.

Reforçando a idéia sobre a importância da leitura para a formação da cidadania Silva (2003) diz:

Quero enfatizar aqui a íntima relação entre o mundo do conhecimento e o mundo da escrita. Ainda que várias outras linguagens sirvam para realizar e animar a comunicação entre os homens, é a escrita que serve de fonte principal e primeira para a transmissão do saber. Seja na forma de periódico ou de livro impresso, seja mais modernamente na forma de gigantescos bancos virtuais na internet, o fato é que precisamos ter acesso ao mundo da escrita para dominarmos os saberes científicos necessários a uma inserção e participação nas comunidades do conhecimento. Podemos ver que o domínio da escrita e, junto com ela, das competências do ler e escrever assume uma importância quase vital para o entendimento do mundo, para a participação social e, logicamente, para o exercício da cidadania.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da leitura no cotidiano escolar em uma perspectiva construtiva possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico do sujeito emancipado e autônomo. Assim sendo, a leitura bem trabalhada e planejada é uma grande aliada para a formação da cidadania planetária. A leitura construtivista não significa somente, mas também, adquirir capacidade de compreensão dos símbolos (letras e sinais e de juntá-los para significar palavras, coisas), mas, sobretudo é leitura de mundo; é compreender os significados e as representações simbólicas inerentes às palavras.

Encorajamos os educadores ambientais para que continuem nessa luta pela vida, não podemos ficar inertes aos problemas ambientais e sociais. Sabe-se que as mudanças só poderão acontecer dentro de um projeto de sociedade que contemple o ser humano.

No contexto de incerteza contemporânea e de crises múltiplas, essa parece uma oportunidade promissora para todos aqueles que não *veem* no conformismo uma resposta político-existencial satisfatória. Boaventura Santos (1995:45 apud Lima 2011) relembra Walter Benjamin, para dizer que, hoje, “a verdadeira crise é continuar tudo como está”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CRUZ, Silvana; LIRA, Rosenir. **As toadas do boi-bumbá de Parintins aliadas ao despertar ecológico: um olhar interdisciplinar no processo ensino-aprendizagem**. 1ª Mostra e intercâmbio de experiências em Educação Ambiental na Amazônia: diversidade de atores e pluralidade de fazeres. Centro de Ciências do Ambiente – Universidade Federal do Amazonas, 2010.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar com que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DEPRESBITERIS, Léa; Tavares, Marialva Rossi. **Diversificar é preciso...: instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem**. Editora Senac São Paulo, 2009.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Educação ambiental no Brasil: formação, identidades e desafios**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

LEFF Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya: revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 3.ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO,2001.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Theodoro da. **Leitura em curso – trilogia pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SERRA, Elizabeth D Ângelo. **Leitura quem começa não para mais**. Mundo Jovem. Março, 2009.